

## O negro no futebol dos brancos: o caso marcante de Arthur Friedenreich

Arthur Silveira Guimarães<sup>1</sup>

Matheus Silveira Guimarães<sup>2</sup>

### RESUMO

O Brasil hoje é visto como o “país do futebol” e de relações raciais harmoniosas. Este trabalho tem o objetivo de fazer uma discussão sobre como se estabeleceram as relações etnicorraciais no país após a abolição da escravidão e fazer um paralelo com o futebol, tentando compreender como este esporte foi importante como um meio de inserção de camadas mais pobres, compostas por sua maioria de negros, em uma sociedade de forte estratificação racial. Para isso, apresentamos um panorama geral das transformações sociais, políticas, econômicas e os ideais modernizadores vividos pelo país no período da chegada do futebol. A partir disso, faremos uma discussão da estratificação racial que se estabeleceu no Brasil pós-1888. Feito isto, descrevemos a chegada do futebol e seu desenvolvimento no Brasil e como o jogador negro Arthur Friedenreich é um importante exemplo para se pensar o futebol como um meio utilizado para ascensão social.

Palavras-chave: Relações etnicorraciais; Futebol; Primeira República.

### RESUMEN

Brasil hoy es visto como el “país del fútbol” y de relaciones raciales armónicas. Este trabajo tiene el objetivo de hacer una discusión acerca de cómo se establecerán las relaciones étnico-raciales en país después de la abolición de la esclavitud y hacer un paralelo con el fútbol, intentando comprender cómo este deporte fue importante como una manera de inserción de camadas más pobres, hecha por su mayoría de negros, en una sociedad de fuerte estratificación racial. Para eso, presentamos un panorama general de las transformaciones sociales, políticas, económicas y los ideales modernizadores vividos por el país en el período de la llegada del fútbol. De eso, haremos una discusión de la estratificación racial que se estableció en Brasil post-1888. Hecho eso, describimos la llegada del fútbol y su desarrollo en Brasil y cómo el jugador negro Arthur Friedenreich es un importante ejemplo para pensarse el fútbol como un medio utilizado para ascensión social.

Palabras llave: Relaciones étnico-raciales; Fútbol; Primera República.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba

<sup>2</sup> Estudante da graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, vinculado ao projeto de pesquisa “Gente Negra na Paraíba Oitocentista: Rede Sociais e Arranjos Familiares”

## Introdução

O futebol é a maior expressão cultural do Brasil. Somos um país futebolístico e futebolizado (MURAD, 1996). Aqui este esporte reflete a sociedade. Desta forma, a história do futebol no país não pode ser vista separadamente do processo de formação social brasileira.

O futebol se desenvolveu no Brasil em um período no qual a instituição da República estava recém estabelecida. O processo de industrialização e urbanização do país dava importantes passos, juntamente com os ideais de progresso e desenvolvimento que levaram a projetos reformistas das cidades, como foi o importante caso da capital federal, o Rio de Janeiro. O regime oligárquico se fortalecia a cada mandato presidencial e as características do regime escravista ainda eram muito fortes na mentalidade da população brasileira. Vale ressaltar que havia menos de uma década que a escravidão tinha sido oficialmente extinta, sendo promovida uma valorização do trabalho, da imagem do trabalhador (em sua maioria estrangeiros brancos) e, em contrapartida, muitos ex-escravos foram excluídos do novo mercado de trabalho, ou seja, aos negros restava a imagem de vagabundos, ociosos ou criminosos o que dificultava ainda mais a ascensão social por parte desse grupo que já era alvo da discriminação no período escravista e continuou sendo posteriormente (FERNANDES, 1978).

Atualmente, se for perguntado a qualquer pessoa no planeta quais foram os maiores jogadores da história do futebol no mundo, é bastante provável que figuras como Pelé, Didi, Garrincha, Leônidas da Silva, Romário e Arthur Friedenreich sejam citados, todos eles de origem negra e pobre. Todavia nem sempre foi assim. Durante muito tempo, o futebol foi um esporte da elite não só brasileira, mas de todo o mundo, assim como o remo, o turfe etc. Com o caminhar das décadas, o futebol, no Brasil, foi descendo os degraus das elites e começou a habitar espaços populares, nos quais a população mais pobre (boa parte dela negra) passou a ter acesso a este novo esporte. Mesmo com uma intensa resistência da elite branca, hoje o futebol no país é um esporte tipicamente popular, jogado por pessoas de origens sociais distintas. Contudo, ele é percebido de maneiras também distintas. Para um negro pobre, com poucas oportunidades, o futebol, muitas vezes, apresenta-se como um importante caminho de invenção de mercado para ascensão social (SOUTO OLIVEIRA, 1999).

Este trabalho tem como objetivo traçar algumas linhas gerais sobre os primeiros anos do futebol na história do Brasil. A partir disso, tentaremos mostrar – através da figura de Arthur Friedenreich, para muitos o primeiro ídolo do futebol brasileiro que era negro e que para não sofrer o preconceito, utilizava-se de mecanismos para negar sua origem étnica – como este esporte tornou-se um mecanismo de ascensão social de pessoas pobres, em sua maioria negras, excluídas não só pelo aspecto econômico, mas também etnicorracial. Iniciaremos apresentando um panorama geral das mudanças sociais, políticas e econômicas vivenciadas pelo Brasil na virada do século XIX para o XX e como as relações raciais eram vistas neste período de inserção do futebol no país. Em seguida, descreveremos como o futebol chegou ao Brasil e tornou-se fundamental para formação da identidade nacional e a importância da figura de Arthur Friedenreich como uma referência de ascensão social de um homem negro em uma sociedade racista, por meio do futebol.

## Contexto brasileiro da Primeira República

O dia 15 de novembro é uma data especial para o nosso calendário. Sendo feriado nacional, poucas pessoas se perguntam sobre a representação deste dia. No ano de 1889, na data supracitada, o Brasil passava pela principal mudança do seu sistema político desde 1822, tornando-se uma República assim como todas suas irmãs latino-americanas. Todavia, não podemos resumir a história a fatos isolados. O 15 de novembro é apenas uma representação da implementação de um novo sistema político que faz parte de um processo de mudanças econômicas e sociais que o país vivia nos últimos anos do século XIX e que geraram uma nova realidade na passagem para o século XX, realidade esta na qual estavam inseridas as primeiras manifestações do futebol no país.

Na segunda metade do século XIX, principalmente a partir da década de 1870, o Brasil vai viver um período de grandes transformações no seu cenário econômico e social, assim como no político e ideológico. As indústrias começaram a se desenvolver, mesmo que de maneira ainda incipiente; as ferrovias se espalharam pelas principais regiões do país; a urbanização deu importantes passos e o trabalho escravo entrou em crise, havendo uma maior entrada de trabalhadores livres na configuração de um novo mercado de trabalho e novos grupos sociais surgiram e se fortaleceram (COSTA, 1987, p.336-337). Dessa forma, a Monarquia perdeu cada vez mais sua base de sustentação, dando margem para que alguns grupos, dentre eles militares, pusessem em questão a legitimidade do regime de Dom Pedro II. A “Lei Áurea” de 1888 veio minar de vez a sustentação do Imperador que passou a ser cada vez mais pressionado por vários grupos distintos.

Cerca de um ano e meio após o fim da escravidão, a República foi proclamada no país. A estrutura política alterou-se e o Brasil iniciou um processo de grande instabilidade diante de revoltas, fechamento do Congresso Nacional, tentativa de separação territorial no Rio Grande do Sul, renúncia presidencial. Além do mais, o país encontrava-se diante de um caos econômico, inflação, dívida externa exorbitante e queda dos preços do café. Era necessário iniciar um processo de estabilização do novo regime. Para José Murilo de Carvalho “Isto significava pelo menos duas coisas: tirar os militares do governo e reduzir o nível de participação popular” (CARVALHO, 1987, p.32). Dessa forma, em 1894, foi eleito o primeiro presidente civil do país, Prudente de Moraes – afastando os militares do poder –, sucedido por Campos Sales. Este deu início a um processo de estabilização financeira e política, com a famosa *Política dos Governadores*, marco inicial da hegemonia das oligarquias rurais do país no controle das instituições políticas, respondendo a segunda necessidade apontada por Carvalho. Com a *Política dos Governadores* implementada, o regime republicano ficou muito dependente dos coronéis, base da estrutura política da Primeira República, que excluiu a maioria da população das decisões.

Todas essas alterações políticas, econômicas e sociais vieram associadas a um ideário de modernização, influenciado pelo estilo de vida estadunidense e da *belle époque* francesa. O Brasil agora andava no mesmo ritmo da história da Europa e Estados Unidos, precisava mostrar-se moderno como tais. Houve um grande *boom* demográfico nas cidades que simbolizavam o ideal moderno, passando por transformações infra-estruturais. O Rio de Janeiro foi um caso marcante neste sentido, pois se tornou o cartão postal do país e, para isso, enfrentou uma reforma arquitetônica promovida pelo arquiteto prefeito Pereira Passos, nomeado pelo então presidente Rodrigues Alves no início do século XX.

No Rio reformado circulava o mundo *belle-époque* fascinado com a Europa, envergonhado do Brasil, em particular do Brasil pobre e do

Brasil negro. Era o mundo do barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores do presidente que promoveu reformas. O mesmo barão que na juventude tinha sido capoeira e que agora se esforçava em oferecer à visão do estrangeiro um Brasil branco, europeizado, civilizado (CARVALHO, 1987, p.41) <sup>3</sup>.

Tais reformas urbanísticas afetaram, como parece ser bastante comum em nossa realidade, os mais pobres. A situação habitacional do Distrito Federal, por exemplo, nos primeiros anos do século XX, era de cortiços e pequenas habitações, muitas vezes coletivizadas. Com a especulação imobiliária promovida pelo processo de modernização-urbanizadora, as camadas sociais mais pobres moradoras dessas estruturas habitacionais foram desapropriadas. Como afirma o historiador Sidney Chalhoub ao descrever a realidade de tal população no Rio de Janeiro “Em apenas quatro anos, milhares de pessoas tiveram de deixar suas casinhas em cortiços ou estalagens e seus quartos em casa de cômodos, que foram desapropriadas e demolidas por ordem da prefeitura” (CHALHOUB, 2001, p.135). Mais adiante, o mesmo autor apresenta um panorama das possibilidades restadas para esta população, frente ao processo civilizador da modernização das cidades

Quanto aos populares, que habitavam em grande número os cortiços e casas de cômodos demolidos, restaram-lhes poucas opções: uma delas era pagar aluguéis mais exorbitantes que antes por casinhas ou quartos de cortiços e casas de cômodos ainda existentes; outra opção era tentar mudar-se para os subúrbios, o que trazia o grave inconveniente de aumentar a distância a ser percorrida diariamente até o emprego; uma terceira opção era ir habitar um dos inúmeros morros que rodeavam o centro da cidade (CHALHOUB, 2001, p.135).

Com efeito, podemos perceber onde estão as bases da formação do que hoje conhecemos pelas comunidades mais pobres que são, em quase todos os casos, alvos da criminalização. Ressalte-se que, quando o autor faz referência aos “populares”, estes eram formados, em sua maioria, por negros, ex-escravos ou descendentes destes.

### **Questões etnicorraciais em um país em mudança**

O Brasil no período final do século XIX passou por uma série de mudanças nas suas configurações sociais, políticas e econômicas descritas acima, tornando-se um país republicano, não escravista e com suas primeiras manifestações industriais. Essas transformações materiais são guiadas pela égide do ideal modernizador que tinha na figura do homem branco, com traços europeus o seu símbolo. O Brasil começava a caminhar, então, em direção das “grandes nações” do Velho Mundo como Inglaterra e França. E deste ideal o homem negro passava longe.

Com a abolição do regime escravista no país, os negros ficaram expostos a uma situação que até então, talvez, não esperassem: passaram a ser donos de sua própria força de trabalho e entraram em uma lógica concorrencial, ou seja, o negro ex-escravo deveria disputar com outras pessoas por trabalho.

Os ex-escravos tinham de concorrer com os chamados “trabalhadores nacionais”, que constituíam um verdadeiro exército de reserva (mantido fora de atividades produtivas, em regiões prósperas, em

---

<sup>3</sup> Há referências apresentadas por José Murilo de Carvalho de que o mesmo barão era famoso por ser comportamento racista.

virtude da degradação do trabalho escravo) e, principalmente, com a mão-de-obra importada da Europa, com frequência constituída por trabalhadores mais afeitos ao novo regime de trabalho e às suas implicações econômicas ou sociais. Os efeitos dessa concorrência foram altamente prejudiciais aos antigos escravos, que não estavam preparados para enfrentá-la (FERNANDES, 1978, p. 17).

A questão, entretanto, não se resumia apenas ao fato da concorrência ser muito acirrada entre a população negra ex-escrava e trabalhadores livres nacionais ou estrangeiros. O agravante estava no fato de esta disputa ser desleal, pois estamos tratando de um período recente do pós-abolição no qual a mentalidade escravocrata e racista era fortíssima. O negro, dessa forma, competia em desvantagem para com o trabalhador branco estrangeiro, pois este era visto como mais apto ao trabalho livre, ocupando todas as principais atividades produtivas. Aquele, por sua vez, era estereotipado como preguiçoso, que só trabalhava sob violência e, muitas vezes, tinha espírito revoltoso. Além do mais, como admite Florestan Fernandes, “o comportamento dos antigos escravos e libertos foi encarado pelos fazendeiros como uma manifestação intolerável da ‘ingratidão do negro’” (FERNANDES, 1978, p.34). Assim, restava ao homem negro recém alforriado, em linhas gerais, duas opções:

Vedado o caminho da classificação econômica e social pela proletarianização, restava-lhes aceitar a incorporação gradual à escória do proletariado urbano em crescimento ou abater-se penosamente, procurando no ócio dissimulado, na vagabundagem sistemática ou na criminalidade fortuita meios para salvar as aparências e a dignidade de “homem livre” (FERNANDES, 1978, p.28).

O negro foi, na verdade, empurrado para uma situação de abandono e exclusão com o fim do regime escravista. A abolição não trouxe consigo nenhum mecanismo de inserção do negro na nova sociedade. Além de excluída economicamente, a população negra foi alvo de um caráter absolutamente devastador que é o preconceito em relação à origem étnica.

Houve no Brasil um processo de miscigenação que é inegável. Contudo, junto a este processo houve uma estratificação racial que punha em dois lados opostos o branco e o negro. Este inferior àquele. Dessa forma, surge em uma parte da população de origem negra um sentimento de negação do ser negro como uma forma de distanciar-se de um patamar inferior da escala social e tentar ascender.

Este aspecto opressor das relações raciais em que vivia (e ainda vive) o Brasil foi, de certa forma, ocultado pelo discurso conservador da democracia racial que foi sistematizado por Gilberto Freyre e realçado por pensadores como Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda em suas obras mais clássicas, sendo ainda nos nossos dias, um discurso muito forte e que camufla a realidade de preconceito sofrida pela população negra<sup>4</sup>. Devido a isso, aqui no Brasil se desenvolveu uma espécie de “preconceito racial dissimulado e assistemático” (FERNANDES, 2007, p.61), um “racismo anti-racista”.

---

<sup>4</sup> Ver PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, Publifolha, 2000; HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995; FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51 ed. São Paulo: Global, 2006.

Por mais que ao negro fosse dada a condição jurídica de livre, não foi permitida a ele a igualdade econômica, política e social, ou seja, a verdadeira democracia nos dizeres de Florestan Fernandes (1978; 2007). Para a população negra restou não apenas a dificuldade na quebra da barreira econômica, por ter problemas de acesso à atividade que propiciem sua libertação efetiva, mas um grande muro do preconceito racial, pois, como negros, estão submetidos a uma escala inferior da estratificação racial (FERNANDES, 2007). Assim, aos negros havia poucas oportunidades e algumas pequenas “brechas” em um novo sistema que continuava opressor.

Em linhas gerais, foi diante de um Brasil recém republicano e oligárquico, enfrentando mudanças econômicas e sociais, repleto de ideais de modernização aos moldes europeus, marcado por fortes traços escravistas e de hierarquização racial - sendo reservados aos negros poucos espaços de ascensão social - que foi inserido o futebol em suas primeiras manifestações.

### **O futebol chega ao Brasil**

Duas bolas, dois uniformes completos, uma agulha e uma bomba de ar, acrescentem-se bastante disposição e paixão por um jogo. Isto era o que Charles Miller, brasileiro nascido em São Paulo, descendente de pai inglês e mãe escocesa, trouxe consigo em viagem de volta ao Brasil no ano de 1894. Retornava da Inglaterra após onze anos de intercâmbio para complementos de seus estudos.

Segundo Mauricio Murad, Charles Miller é considerado o fundador do *Football Association*, no Brasil, “Verdadeiro bandeirante, Charles Miller abriu caminhos, conquistou simpatias, formou times e trabalhou incansavelmente para a implantação do futebol no Brasil” (MURAD, 1996, p.96).

Ainda era recente a “Lei Áurea”, como dissemos anteriormente, e as estruturas escravocratas, racistas e desiguais permaneciam bastante reais na formação social brasileira. O futebol *tupiniquim* em sua gênese refletiu tais estruturas e nasceu extremamente discriminatório e elitista. Classe social e cor da pele eram pré-requisitos básicos para se associar a clubes e praticar o esporte. Ao negro isso não era permitido.

Mas a invenção é especialidade de nosso futebol e foi na base da improvisação que as classes subalternas das incipientes grandes cidades brasileiras do início do último século foram se apegando aquele esporte tão fascinante. Com bolas de bexiga de boi, pés descalços, campos de terra batida ou pastos inventados como campos gramados que negros, operários e brancos pobres se divertiam e criavam seu jeito de “jogar bola”.

Estes brasileiros aprenderam a driblar antes mesmo de poder jogar. Tiveram que se virar para poder passar por seu adversário mais violento, o preconceito e o racismo de uma elite branca e colonizadora (MURAD, 1996). Uma elite que fazia do futebol uma imitação européia e disto uma forma de distinção social. Segundo Eduardo Galeano,

O futebol ia se tornando paixão popular e revelava sua beleza secreta, e ao mesmo tempo se desqualificava como passatempo fino. Em 1915, a democratização do futebol arrancava queixas à revista *sports*, do Rio de Janeiro: “de modo que nós que freqüentamos uma posição na sociedade, fazemos barba no salão naval, jantamos na Rotisserie, freqüentamos as conferências literárias, vamos ao Five o’ clock... somos obrigados a jogar com um operário, limador, torneiro mecânico, motorista e profissões outras que absolutamente não estão

em relação com o meio onde vivemos. Nesse caso a prática do esporte torna-se um suplício, um sacrifício, mas nunca uma diversão” (GALEANO, 2009, p.39).

As primeiras décadas do futebol brasileiro foram marcadas por este conflito social, econômico e cultural, reflexo da sociedade brasileira da Primeira República. Figura emblemática neste processo de afirmação e transição deste esporte no Brasil é Arthur Friedenreich.

### **Friedenreich – a inserção do negro no futebol brasileiro**

Mulato de olhos verdes (FILHO, 2003) “El tigre” como ficou conhecido, foi o primeiro grande ídolo do futebol brasileiro. Nascido no bairro da Luz, em São Paulo, era filho do comerciante alemão Oscar Friedenreich e da ex-escrava brasileira Matilde, de quem herdou suas características étnicas (GUTERMAN, 2009). Seu pai era sócio do clube de futebol Germânia, no qual apenas homens brancos jogavam. Mas, Fried (como era conhecido) foi aceito por seu talento e sua ascendência alemã. Nunca recebeu para jogar e jogou por muitos anos, vinte e seis ao todo. Jogava sempre com uma toca sobre os cabelos crespos, porém engomados e alisados, forma encontrada por ele, para diminuir o racismo. Friedenreich sempre era o último a entrar em campo para cuidar da aparência. Por causa dos cuidados com o penteado, chegou a ser considerado um branco por muitos torcedores e jornalistas. Centroavante de raro talento e velocidade marcou 1329 gols, superando Pelé, apesar de algumas controvérsias, que apontam que Fried, marcou apenas 558 gols (DUARTE; FILHO, 1999). Porém, mais do que isso, “El tigre” impôs pelo seu talento o rompimento de algumas regras.

Em 1919 a seleção brasileira venceu o campeonato sul-americano de futebol, seu primeiro torneio internacional. O jogo final ocorreu no estádio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro. Brasil 1 X 0 Uruguai, gol de Friedenreich. Toda a elite carioca encontrava-se no estádio, inclusive o presidente da República, Epitácio Pessoa (GUTERMAN, 2009). Proibidos de entrar, alguns negros, mulatos e brancos pobres encontravam-se sobre os morros, as árvores e casas próximas ávidos por ver sua seleção em campo. E naquele dia assistiram mais do que a uma partida de futebol, sentiram as almas lavadas. Talvez pela primeira vez um negro fosse aplaudido de pé pela aristocracia brasileira. Naquele dia um filho de ex-escrava mostrou que era capaz de levar o país à glória. A partir deste feito, o jornalista Mario Filho descreveu Friedenreich como sendo um homem sem cor, “El tigre” não seria negro, nem branco, era acima de qualquer coisa. (FILHO, 2003)<sup>5</sup>.

Para Marcos Guterman,

O feito de Fried no sul-americano teve um peso que transcendeu os limites das disputas esportivas. Configurou-se, na verdade, no divisor de águas do futebol brasileiro, como aglutinador de raças e de classes sociais, ainda que somente no ambiente controlado do campo de jogo (GUTERMAN, 2009, p.44).

---

<sup>5</sup> Neste comentário, podemos perceber uma posição que reflete o “preconceito racial dissimulado” ao qual se referia Florestan Fernandes. Mário Filho (que sofreu grande influência de Gilberto Freyre e seu discurso da miscigenação democrática das raças) diante do talento de Friedenreich (negro, filho de ex-escrava) não poderia ser visto como tal, talvez fosse inconcebível um descendente de africano ser tão talentoso...

Evidente que o racismo e a discriminação não cessaram naquele sul-americano. Mas a partir de Arthur Friedenreich, de seu talento e de sua maestria o futebol no Brasil tornou-se realmente brasileiro. O país percebeu o valor dos pobres e negros na prática do futebol.

Neste contexto, surgem equipes de origem exclusivamente popular por todo país como Sport Clube Internacional (1909) e Sport Clube Corinthians Paulista (1910). As ligas permitem a entrada destas agremiações, apesar da represália de alguns clubes mais tradicionais que se negavam a disputar torneios com equipes formadas por negros e operários. Muitos dos clubes elitistas se desligaram das associações fechando seu departamento de futebol (FRANCO JUNIOR, 2007). Porém, prevaleceu a democratização do esporte e as ligas cada vez mais agregavam clubes populares. Em 1923, o Vasco da Gama, clube fundado por imigrantes portugueses, sagrou-se campeão carioca. Pela primeira vez no futebol brasileiro, um time composto exclusivamente por negros e operários conquistou uma taça sob a égide de uma liga oficial

Todo este processo marca a fundação do futebol brasileiro. Emblemática pela sua constituição conflituosa, esta primeira fase de nosso futebol carrega símbolos que sucederam toda história desse esporte no Brasil. Para Maurício Murad,

Em sintonia com as ocorrências da estrutura global, a partir da década de 20 notadamente, a história do futebol brasileiro vai forjar os antecedentes de uma nova fase, a mais original, produtiva e espetacular de sua trajetória, ou seja, a sua popularização e democratização, obtidas através da entrada em cena de pretos, mulatos e brancos pobres (MURAD, 1996, p.98).

A profissionalização do esporte no país ganhou dimensão a partir da década de 1930, sobretudo nas ondas do rádio que se expandia. O movimento liberal e toda sua aura de mudanças sociais fortaleceram a idéia de modernização e desenvolvimento industrial do país que vinha decorrendo dos últimos anos do oitocentos. Este processo envolveu definitivamente o futebol. O período caracterizado pela era do rádio expôs um futebol cada vez mais popularizado, decorrendo daí a criação de novos “heróis” nacionais.

Além de Friedenreich e Domingos da Guia, nomes como os de Romeu Pelliciani, Luizinho, Fausto, Servílio, Zizinho, Heleno de Freitas, Brandão, Jair da Rosa Pinto, Tim, Peracio, Patesko e Ademir de Menezes eram objeto de culto pela comunhão de fiéis de seus respectivos clubes. E representavam uma possibilidade concreta de ascensão de membros dos grupos subalternos da sociedade brasileira (FRANCO JUNIOR, 2007, p.81).

As camadas populares e médias que no fim da Velha República começavam a ganhar mais relevância política e social no país tiveram mais acesso e destaque no esporte bretão, que se tornava uma ocupação remunerada para aqueles que tinham pretensão profissional com o futebol. O esporte crescia e com ele o público e o mercado que o envolvia.

Com a criação por Getúlio Vargas da legislação social e trabalhista, em 1934, o futebol foi regulamentado como profissão. Os atletas agora eram reconhecidos como empregados e com isso tinham toda cobertura legal, sob a égide do recém criado Ministério do Trabalho (BRUHNS, 2000).

A partir deste período, marca-se o momento do profissionalismo (1933-1950) (BRUHNS, 2000). Este recorte histórico no futebol brasileiro representa transição e fortalecimento deste esporte que cada vez mais se constrói num símbolo de “brasilidade”. Porém, outras finalidades envolviam a implantação do profissionalismo. Segundo Murad,



“conter o êxodo de craques para o exterior e tornar os times mais competitivos com jogadores negros e pobres, a partir de então, empregados do clube” (MURAD, 1996, p, 99).

Entre as décadas de 50 e 70, fase marcada pelo título mundial de 1958 e ascensão internacional do país, que o Brasil fica conhecido como “nação do futebol”, acompanhada por sofisticada comercialização e maturidade (BRUHNS, 2000). O jeito brasileiro de praticar futebol é reconhecido como diferenciado, artístico e graças a figuras como Friedenreich, Pelé, Garrincha, Didi, Nilton Santos, Rivelino, Gérson, Zico, Falcão, Sócrates entre outros, reverenciado.

Quem viu a seleção brasileira não pode negar ao futebol a condição de arte [...] A arte de jogar futebol é uma contribuição brasileira, e é um dos poucos valores que considero genuinamente universais (HOBSBAWM Apud MURAD, 1996, p.140).

Neste sentido, como reflexo da sociedade, o futebol brasileiro só tornou-se realmente o esporte nacional por excelência, diferenciado como arte e identificado como símbolo de “brasilidade” quando gradativamente sua população mais numerosa, no caso, negro, mestiços e brancos pobres foram sendo inseridos na sociedade, e o caso marcante de Arthur Friedenreich representa este processo.

### **Considerações finais**

O que podemos perceber até aqui foi que o futebol desembarcou no Brasil em um período de grandes transformações. Hoje somos famosos pelo jargão de “o país do futebol” e pela grande quantidade de jogadores talentosos que nos proporcionaram os mais importantes títulos do esporte. Jogadores estes que muitas vezes possuem origem negra e pobre.

Para que isso se tornasse possível, o futebol brasileiro teve que deixar de ser uma prática da elite e passar fazer parte do cotidiano da população pobre e negra que habitava a periferia e que tinha sido excluída do processo de modernização e mudanças da virada do século ao qual se encontrava o Brasil com a chegada do futebol. Dessa forma, o esporte bretão tornou-se um veículo de ascensão social para muitos.

Nesse sentido, a figura de Arthur Friedenreich foi fundamental para isso, pois, mesmo sendo também de origem alemã, mas com fortes traços negros de sua mãe, uma ex-escrava – traços estes que tentava esconder devido à formação de uma mentalidade branca dominadora que colocava o negro em um patamar inferior na escala social – foi um dos primeiros descendentes de ex-escravos (assim como quase todas as pessoas pobres a qual nos referimos no decorrer do trabalho) a ser aplaudido de pé pela aristocracia branca e respeitado por seu talento.

### **Referências bibliográficas**

- BRUHNS, Heloisa Turini. **Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas: Papyrus, 2000
- CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da *belle époque***. 2ª Edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.
- COSTA, Emilia Viotti da. **Da monarquia à República: Momentos decisivos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

- DUARTE, Orlando e FILHO, Severino. **Fried Versus Pelé**. Editora: Makron Books.: Abril 1999.
- FERNANDES, Florestan. **A Integração do negro na sociedade de classes**. 3ª Edição. São Paulo: Ática, 1978
- \_\_\_\_\_. **O negro no mundo dos Brancos**. 2ª Edição. São Paulo: Global, 2007.
- FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Maud, 2003
- FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos Deuses – futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das letras, 2007, 448
- \_\_\_\_\_. **O negro no mundo dos brancos**. 2ª Edição. São Paulo: Global, 2007.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51 ed. São Paulo: Global, 2006.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**; tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. 3ª edição. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- GUTTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma historia da maior expressão popular do país**. São Paulo: contexto, 2009.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MURAD, Marcelo. **Dos Pés à Cabeça - Elementos básicos da sociologia do futebol**. Rio de Janeiro. Irradiação Cultural. 1996
- PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, Publifolha, 2000.